

entrevista

Márcia Lopes: direitos das mulheres precisam ser política de Estado

idades

Guararema: onde a gestão organiza o cotidiano

exposição

ABERTO5 ocupa a Casa Bola e leva arte contemporânea às ruas de São Paulo

AMANHÃ

Uma publicação do Grupo Gazeta Popular • Março/2026 • Ano 01 - nº 02 • R\$ 25, 00

Ubatuba com
ambição de mundo

**Flavia
Pascoal**

A política é feita em camadas. O setor de revistas também.

A **ANER** orgulha-se de dar as boas-vindas à revista Amanhã. Como referência nacional no segmento de revistas, a missão da **Associação Nacional de Editores de Revistas** é apoiar, conectar e representar os publishers que acreditam no poder da informação.

Referência técnica, apoio institucional e união setorial. Para que o Brasil continue lendo, interpretando e evoluindo.

Conheça a casa dos editores de revistas no Brasil. Visite www.aner.org.br e faça parte dessa rede.

O tempo antes das urnas e o dever de interpretar

Toda eleição começa antes de existir. Não no calendário oficial, mas no terreno mais silencioso onde se formam as decisões reais: movimentos de poder, deslocamentos de discurso, rearranjos institucionais. O Brasil já atravessa esse estágio. A sucessão de 2026 deixou de ser hipótese e passou a organizar o presente.

A renúncia de gestores, a ascensão de novos nomes, a ocupação estratégica de espaços administrativos e a construção de narrativas públicas revelam um país em transição. Nada disso ocorre por acaso. Trata-se de um processo histórico reconhecível: quando o poder se redesenha, os sinais aparecem antes do anúncio formal. Quem observa com atenção percebe que o debate eleitoral já está em curso, ainda que sem palanque armado.

Nesse contexto, uma revista como a “Amanhã” assume função que ultrapassa o noticiário. Cabe a ela registrar, mas sobretudo interpretar. Ligar fatos que, isolados, parecem circunstanciais. Identificar continuidades onde outros veem apenas episódios. Explicar ao leitor que a política não se resume ao momento do voto, mas se constrói lentamente, por camadas, ao longo do tempo.

Em um ambiente saturado por simplificações e reels, essa tarefa se torna ainda mais necessária. A circulação acelerada de versões, imagens e discursos tende a reduzir a complexidade dos acontecimentos. O risco é transformar a eleição em espetáculo imediato, quando, na verdade, ela resulta de processos longos, muitas vezes discretos.

A tradição do pensamento histórico ensina que compreender o presente exige recusar a superfície. É preciso observar permanências, rupturas e interesses em disputa. Uma publicação comprometida com esse método não se limita a narrar o que aconteceu: investiga por que aconteceu e a quem interessa.

A “Amanhã” encontra aí sua razão de existir. Não como eco do dia, mas como instrumento de leitura do tempo. Ao reunir política, economia e vida social num mesmo campo de análise, oferece ao leitor algo cada vez mais raro: a possibilidade de entender, e não apenas reagir.

Quando a eleição chegar ao seu ponto mais visível, grande parte das escolhas já terá sido encaminhada. O que estará em jogo não será apenas o resultado, mas a compreensão do percurso que levou até ele. É nesse percurso que o jornalismo de reflexão se justifica.

Interpretar, neste momento, não é exercício intelectual. É responsabilidade pública.

Fabício Correia



índice

- 04 Flavia Pascoal**
A construção de uma Ubatuba com ambição de mundo

- 08 Entrevista**
Direitos das mulheres precisam ser política de Estado: Márcia Lopes

- 12 Gestão Pública**
Emília Corrêa. : Aracaju passou a olhar sua prefeitura como um ativo de gestão

- 14 Câmara**
Uma voz histórica no plenário: Luíza Erundina e a política como exercício do povo

- 15 Senado**
Mara Gabrilli e a política da inclusão como prática



expediente

- Grupo Gazeta Popular / **Diretor Presidente:** Douglas Spada
- Kocmoc New Future Entertainment / **CEO:** Fabrício Correia
- E-mail: jornal@gazetapopularoficial.com.br
- Fale Conosco: (11) 99634-4848 / (12) 98820-2010
- **Jornalista Responsável:** Jácomo - MTB 36.03
- **Business Sucess:** Josy Spada
- **Projetos editoriais e eventos:** Lutero Jacob, Samuel Sadoc e Asaf Zadoque Correia
- **Colunistas:** Rodrigo Cabrera Gonzales, Danilo Magri e Luís Phylthton



flavia pascoal

A construção de uma Ubatuba com ambição de mundo

Março, mês da mulher, encontra em Flavia Pascoal uma figura que ultrapassa a rotina administrativa e entra no terreno do símbolo político. Entre as 39 cidades da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, em São Paulo, foi a única mulher reeleita para comandar um município no ciclo iniciado em 2025. Ao lado da eleição de Professora Helô em Paraibuna, o dado expõe o quanto o poder local ainda é território duro para as mulheres; no caso de Flavia, esse peso cresce porque sua permanência no cargo não nasceu da facilidade, mas da travessia.

Flavia é do PL, o Partido Liberal, e sua reeleição em Ubatuba, com candidatura depois confirmada pelo Tribunal Superior Eleitoral, deu à sua trajetória um contorno raro: o de uma liderança feminina que não apenas venceu nas urnas, mas resistiu a uma ofensiva política e jurídica que tentou interromper seu caminho. O TSE decidiu, em 2025, manter o registro de sua candidatura reeleita, entendendo que, na data da eleição de 2024, a cassação do mandato anterior estava suspensa por decisão judicial. Antes disso, em março de 2024, a Justiça paulista havia suspendido a cassação aprovada pela Câmara em 2023 considerando-a arbitrária e trazendo luz a perseguição política sofrida.



Fotos: Divulgação

Flavia Pascoal e Tiago de Ales, presidente da Cour des Arts em audiência no Parlamento Europeu.

Esse histórico importa porque muda a leitura de sua gestão. Flavia não é apenas uma prefeita em segundo mandato. É uma prefeita que governou sob perseguição em uma disputa permanente de poder, e que voltou com a força de quem transformou ataque em legitimação. Sua

história recente não pode ser resumida a um episódio institucional. Ela representa, para muitas mulheres na política, a imagem de quem foi testada ao extremo e não aceitou ser apequenada por mecanismos de interrupção. Em março, isso ganha uma dimensão ainda maior: Flavia encarna a mulher pública que precisou defender o mandato, o voto e a própria autoridade num ambiente em que homens, quase sempre, enfrentam menos obstáculos para permanecer.

Mas a força de sua trajetória não está só na resistência. Está no fato de que, depois da tempestade, ela escolheu governar com ambição.

A gestão de Flavia Pascoal tenta consolidar Ubatuba como algo maior do que um destino turístico privilegiado. O horizonte que se desenha é o de uma cidade tratada como patrimônio de alcance mundial: ambiental, histórico, cultural e institucional. E esse reposicionamento aparece com nitidez em duas frentes recentes de sua nova administração: a busca por inovação internacional e o uso inteligente da memória histórica como ativo de projeção global.

A viagem à China se insere nessa lógica. O movimento não aponta para folclore diplomático nem para uma agenda decorativa. O que se procurou ali foram soluções em tecnologia de ponta para áreas decisivas de uma cidade litorânea: segurança, transporte, videomonitoramento, meteorologia, prevenção de emergências, resposta a eventos climáticos, limpeza de praias e trilhas, destinação de resíduos e mais eficiência na proteção urbana e ambiental. Numa cidade como Ubatuba, isso não é luxo. É visão de governo. É compreender que administrar um território costeiro, turístico e ambientalmente sensível exige inteligência técnica, antecipação e capacidade de buscar fora o que possa fortalecer dentro.



Com o prefeito de Pindamonhangaba, Ricardo Piorino, e executivo da estatal chinesa CEC.

Flavia parece ter entendido uma verdade que muitos governos municipais ainda não alcançaram: a beleza de uma cidade não a protege sozinha. Ubatuba precisa de planejamento, tecnologia e capacidade de resposta. Precisa cuidar de suas praias como patrimônio vivo, de suas trilhas como riqueza ecológica, de sua mobilidade como desafio estrutural e de sua segurança como pacto com moradores e visitantes. Ao mirar a China em busca desse repertório, sua gestão sinaliza que deseja uma cidade preparada, moderna e menos vulnerável à improvisação.

O segundo eixo é ainda mais sofisticado porque toca a alma do município. A assinatura do tratado de cidades-irmãs com Homberg e Wolfhagen, na Alemanha, não é apenas um gesto protocolar. É uma ação de governo que transforma a memória de Hans Staden em ponte internacional concreta. A Prefeitura de Ubatuba tratou o acordo como um intercâmbio cultural, educacional e histórico inspirado numa ligação de cerca de 500 anos entre Ubatuba e a Alemanha, mediada pela narrativa de Staden.

Hans Staden, nesse contexto, não aparece como curiosidade escolar nem como nota de rodapé do passado. Ele funciona como chave de projeção internacional. Sua história liga Ubatuba a uma tradição de memória, literatura de viagem, encontro entre povos e construção histórica que ultrapassa o litoral paulista e alcança a imaginação europeia. Ao fazer dessa herança uma ferramenta diplomática e cultural, Flavia não administra apenas o presente: ela organiza um enredo para o futuro.



Flavia Pascoal é reconduzida a prefeitura de Ubatuba pelo Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo.



Flavia Pascoal em cerimônia com o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, com o presidente da ALESP, deputado André do Prado e Natália Resende de Andrade, secretária de estado do Meio Ambiente, Infraestrutura e Logística.

Fotos: Divulgação



Flavia Pascoal inaugura unidade de atendimento à saúde a população indígena de Ubatuba.

Fotos: Divulgação



Inauguração do primeiro centro de referência animal da cidade de Ubatuba.

É aí que sua gestão ganha densidade. Ubatuba passa a ser apresentada não só como paraíso natural, mas como território de valor civilizatório, capaz de associar natureza, história, cultura, educação e cooperação internacional. A cidade deixa de depender apenas da força de sua paisagem e passa a fortalecer também a força de sua narrativa. Isso é política pública em nível alto: transformar patrimônio em estratégia.

Quando se observa o conjunto, a figura de Flavia Pascoal se torna ainda mais eloquente. Mulher, prefeita, reeleita, sobrevivente de uma tentativa de interrupção política, articuladora de uma agenda que liga Ubatuba à inovação chinesa e à memória histórica alemã, ela ocupa um lugar raro na política regional. Não é apenas uma exceção estatística entre 39 cidades. É uma liderança que dá à representação feminina conteúdo, enfrentamento e direção.

Num tempo em que muitos governos locais se perdem no varejo das pequenas disputas, Flavia parece apostar numa obra de escala mais alta. Quer uma Ubatuba que se proteja melhor, que dialogue com o mundo, que valorize sua memória e que sustente sua vocação como patrimônio universal.

E talvez seja essa a imagem mais forte de **Flavia Pascoal** no Mês da Mulher: a de uma mulher pública que não apenas resistiu à perseguição, mas devolveu à própria cidade um projeto de grandeza. Não governar só para manter. Governar para elevar. Não apenas administrar Ubatuba. Consolidá-la, com coragem e visão, como um dos grandes patrimônios vivos do Brasil.

entre

Direitos das mulheres precisam ser política de Estado: **Márcia Lopes**



Foto: Divulgação

No “Bom Dia, Ministra”, de 25 de fevereiro de 2026, **Márcia Lopes**, ministra das Mulheres, retirou o 8 de Março do campo simbólico e o reposicionou como política pública contínua. Ao abordar temas que muitas vezes ficam diluídos em discursos institucionais; como o enfrentamento ao feminicídio, a ampliação da rede de acolhimento, o

Plano Nacional de Cuidados e a necessidade de articulação entre União, estados e municípios —, a ministra traduziu uma agenda complexa para a vida concreta das mulheres brasileiras.

vista

Ministra, o que o governo federal quer marcar com a agenda do 8 de Março neste ano?

Márcia Lopes: O que nós queremos afirmar é que o 8 de Março não pode ser tratado apenas como uma data simbólica. Ele precisa ser um momento de mobilização nacional, de anúncio de ações concretas e de fortalecimento das políticas públicas para as mulheres. Estamos organizando uma agenda ao longo de todo o mês de março para mostrar que essa pauta exige presença permanente do Estado, com proteção, acolhimento, cuidado e garantia de direitos.

Essa programação vai além dos atos públicos?

Márcia Lopes: Vai muito além. Nós estamos falando de inauguração de equipamentos, de fortalecimento da rede de atendimento, de espaços de cuidado e de iniciativas que ajudam a mudar a vida real das mulheres. A agenda inclui, por exemplo, a inauguração de uma Casa da Mulher Brasileira em Aracaju e a abertura de cuidotecas em universidades e institutos federais. Isso significa dar suporte concreto para que as mulheres possam estudar, trabalhar e seguir a vida com mais autonomia.

A senhora tem insistido muito na ideia de cuidado. Por quê?

Márcia Lopes: Porque o cuidado, historicamente, foi empurrado para as mulheres como obrigação invisível, silenciosa e solitária. Quando o Estado assume essa discussão, ele reconhece que o cuidado também é tema de política pública. O Plano Nacional de Cuidados nasce dessa compreensão: a de que não existe autonomia econômica, educacional ou profissional para as mulheres se elas continuarem sozinhas com toda a responsabilidade de cuidar de crianças, idosos, pessoas com deficiência e da própria casa.

O que o Plano Nacional de Cuidados representa, na prática?

Márcia Lopes: Representa um novo jeito de organizar a responsabilidade social sobre o cuidado. Não se trata de um favor, nem de uma ação pontual. Trata-se de reconhecer que o cuidado sustenta a vida e que, por isso, precisa de investimento, estrutura e política pública. O plano prevê ações articuladas e investimentos até 2027 justamente para ampliar a autonomia das mulheres e criar condições mais dignas para quem cuida e para quem precisa ser cuidado.

O enfrentamento à violência aparece como eixo central. Onde está hoje a maior urgência?

Márcia Lopes: A maior urgência é impedir que a violência avance até o feminicídio. Nós não podemos agir apenas depois da tragédia consumada. O Estado precisa chegar antes. Isso significa informação, prevenção, presença da rede de atendimento, acesso à Justiça, acolhimento qualificado e atuação integrada entre governo federal, estados, municípios, sistema de Justiça e forças de segurança. O feminicídio não começa no momento da morte. Ele é o desfecho extremo de uma sequência de violências que muitas vezes já estava anunciada.

E qual é o papel do Pacto Nacional de Prevenção aos Feminicídios nesse esforço?

Márcia Lopes: O pacto é justamente essa tentativa de organizar o país para agir antes. Ele reúne ministérios, governos estaduais e o Distrito Federal em torno de uma estratégia que combina prevenção, intervenção e reparação. O objetivo é estruturar uma resposta nacional, articulada, para que a violência contra as mulheres não seja tratada como problema isolado de uma cidade ou de uma família, mas como uma questão de Estado e de direitos humanos.

O que já avançou na rede de atendimento às mulheres?

Márcia Lopes: Nós já tivemos ampliação de serviços especializados, com novas Casas da Mulher Brasileira e Centros de Referência da Mulher Brasileira. Isso é importante porque a mulher, quando decide romper o silêncio, precisa encontrar uma porta aberta. Ela precisa chegar a um lugar onde seja ouvida, protegida, orientada e encaminhada. Sem essa rede, muitas vezes a denúncia não se sustenta, o medo volta a vencer e a violência se repete.

A senhora tem dito que estados e municípios precisam assumir mais essa agenda. O que falta?

Márcia Lopes: Falta transformar essa pauta em prioridade cotidiana. O governo federal tem papel de ordenação, indução e investimento, mas ninguém enfrenta a violência contra a mulher sozinho, de Brasília. É preciso que prefeitos, prefeitas, governadores, secretarias, delegacias, escolas, unidades de saúde e toda a rede local entendam que essa é uma responsabilidade compartilhada. Quando há compromisso político no território, a política chega de verdade à mulher que precisa.





Onde a gestão organiza o cotidiano

guararema

A menos de 80 quilômetros da capital, Guararema construiu uma reputação incomum no interior paulista: a de uma cidade que funciona. Não por acaso, mas por sequência. Ao longo das últimas décadas, diferentes administrações mantiveram uma linha de continuidade: de André do Prado, hoje presidente da ALESP, a Márcio Alvino, atual deputado federal, passando por Adriano Leite até a atual gestão de José Luiz Eroles Freire (PL), que evitou rupturas e consolidou um padrão de serviços públicos.

Os indicadores ajudam a explicar por quê.

Com cerca de 32 mil habitantes, o município apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH-M) de 0,731, considerado alto, além de um PIB per capita acima de R\$ 50 mil, patamar relevante para cidades do mesmo porte. Na prática, isso se traduz em acesso mais equilibrado a renda, educação e saúde; pilares que sustentam a qualidade de vida local.

Esse resultado não surge isolado. Guararema também tem avançado em métricas mais recentes de ges-



“O resultado mostra que a cidade cresce com responsabilidade. A gente trabalha para garantir qualidade de vida sem perder o cuidado com o meio ambiente”, afirma o **prefeito José Luiz Eroles Freire**.



Foto: Kent Chu

Fotos: Divulgação

tão e sustentabilidade. No Índice de Efetividade da Gestão Municipal (IE-G-M), do Tribunal de Contas, o município alcançou classificação “Efetiva”, com desempenho consistente em áreas como educação e saúde. Já no Índice de Desenvolvimento Sustentável das Cidades (IDSC-BR), lidera a região do Alto Tietê, com destaque para energia limpa, planejamento urbano e políticas ambientais.

“O resultado mostra que a cidade cresce com responsabilidade. A gente trabalha para garantir qualidade de vida sem perder o cuidado com o meio ambiente”, afirma o prefeito José Luiz Eroles Freire.

A lógica orçamentária acompanha essa orientação. Mesmo sem a musculatura fiscal de grandes centros, Guararema direciona investimentos para áreas estruturantes, saneamento, educação básica, saúde e preservação — mantendo uma relação mais direta entre arrecadação e entrega. Em cidades desse porte, eficiência pesa mais

que volume. E isso aparece na rotina.

Na área ambiental, a cidade consolidou políticas de longo prazo. O Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica orienta o uso do território e protege remanescentes florestais, integrando desenvolvimento urbano e preservação. A presença de áreas naturais, conectadas à Serra do Itapeti e à bacia do Rio Paraíba do Sul, reforça a biodiversidade e ajuda a conter pressões de ocupação desordenada.

Essa combinação: gestão estável, indicadores consistentes e compromisso ambiental, molda o perfil da cidade. Guararema não cresceu pela explosão econômica nem pela expansão populacional acelerada. Cresceu por ajuste fino.

No fim, o que se vê não é exceção inexplicável. É resultado de continuidade administrativa, planejamento compatível com a escala e uma escolha política clara: fazer o básico funcionar. E sustentar isso ao longo do tempo.



EMÍLIA CORRÊA

Aracaju passou a
olhar sua prefeita
como um ativo
de gestão



O dado veio no formato que costuma redefinir uma gestão: a prefeita de Aracaju, Emília Corrêa, alcançou 60,2% de aprovação, segundo o Instituto Veritá, colocando a capital sergipana entre as mais bem avaliadas do país e destacando seu nome também no Nordeste. O índice revela a consolidação de uma liderança construída com lastro técnico, presença pública e capacidade de comunicação direta com a população.

Lagartense de origem e aracajuana por reconhecimento, Emília é Defensora Pública aposentada, advogada, comunicadora e ex-professora de Direito Constitucional. Sua trajetória inclui passagens pela Corregedoria e Secretaria Geral da Defensoria Pública de Sergipe, presidên-

cia do Tribunal de Ética da OAB/SE e destaque em processos seletivos para o Tribunal de Justiça. Em 2006, recebeu o título de Cidadã Aracajuana, um marco que hoje dialoga com sua posição à frente da cidade.

Antes da política executiva, consolidou-se na comunicação. Criou e apresentou o programa “Questão de Direito”, pioneiro na televisão brasileira, permaneceu por dezesseis anos no rádio com o “Fala Defensoria” e ganhou projeção popular na TV com quadros como “Defesa Popular” e “Seu Direito”, traduzindo o universo jurídico em linguagem acessível. Essa habilidade se tornaria uma de suas marcas públicas.

A carreira eleitoral seguiu um percurso progressivo. Em 2012, foi primeira suplente com 3.952 votos, assumindo mandato entre 2013 e 2014. Em 2016, elegeu-se vereadora; em 2018, obteve 52.921 votos como candidata a deputada federal ficando na suplência; em 2020, foi reeleita como a segunda vereadora mais votada de Aracaju. Em 2022, disputou a vice-governadoria e liderou o primeiro turno. A chegada à Prefeitura surge, assim, como continuidade de uma trajetória acumulada.



Foto: Divulgação

QUEM É EMÍLIA CORRÊA E POR QUE O PERFIL DELA AJUDA A EXPLICAR O RESULTADO

O primeiro ano de gestão ajuda a sustentar a aprovação. No transporte público, a incorporação de 39 ônibus, a redução da idade média da frota e a introdução de 15 veículos elétricos colocaram Aracaju em posição inédita no Nordeste. Na saúde, houve início de novas unidades, melhorias estruturais em hospitais e ampliação da Maternidade Lourdes Nogueira, fortalecendo o atendimento especializado. Na educação, a convocação de 301 professores em menos de um ano indicou ritmo administrativo. A gestão também avançou na valorização do funcionalismo, na organização urbana

e no planejamento da limpeza pública, além de impulsionar o turismo com iniciativas como o Descubra Aracaju. A aprovação de 60,2%, precedida por índices de 56,1% e 59,9% ao longo de 2025, sugere mais que um bom começo. Indica uma curva consistente de reconhecimento. Em política municipal, isso costuma significar que a população não apenas percebe a mudança — começa a confiar nela.

Foto: Divulgação

Uma voz histórica no plenário: **Luiza Erundina** e a política como exercício do povo

Foto: Agência Câmara

Aos 90 anos, Luiza Erundina leva à Câmara uma biografia que desafia a lógica comum da política brasileira: a de que o tempo suaviza convicções. Deputada federal pelo PSOL, a paraibana de Uiraúna segue falando em participação popular, democracia direta e mobilização de base com a mesma ênfase de quem nunca tratou mandato como ponto de chegada.

Filha de agricultores analfabetos, Erundina fez da educação a travessia possível contra a pobreza. Saiu do sertão, passou por Patos, Campina Grande e João Pessoa, formou-se assistente social e migrou para São Paulo, onde construiu trajetória no serviço público e na política institucional. Foi vereadora, deputada estadual, ministra e se tornou a primeira mulher eleita prefeita da capital paulista.



deputada

Agora, em novo momento da vida pública, lançou o movimento “Sementes da Esperança”, iniciativa que propõe recriar núcleos de participação em comunidades, locais de trabalho e espaços de ensino. Para ela, a democracia representativa, sozinha, não responde à crise política do país. “O soberano é o povo. Não é o deputado, o presidente, o prefeito”, afirma.

A formulação resume uma visão de mundo que ela sustenta há décadas. Erundina avalia que o Brasil perdeu parte da energia cívica que marcou a resistência à ditadura e o processo de redemocratização. Na sua leitura, eleições sucessivas não bastam quando não produzem transformação concreta nem reaproximam o cidadão do poder que lhe pertence.

Seu discurso também mira a me-

mória institucional do país. Na Câmara, ela atua pela recriação da subcomissão de Memória, Verdade e Justiça, retomando a cobrança pelo cumprimento das recomendações da Comissão Nacional da Verdade. Para a deputada, a democracia brasileira ainda convive com feridas abertas e tarefas inconclusas.

Erundina evita tratar o futuro como projeto pessoal. Diz que não vive “de candidatura em candidatura”, mas de tarefas históricas. A frase ajuda a entender por que sua presença ainda destoa em Brasília. Em um Congresso movido por cálculo, ela continua falando de princípio.

Seu objetivo permanece o mesmo: recolocar o povo no centro da política — não como retórica de campanha, mas como origem real do poder.

Mara Gabrilli e a política da inclusão como prática

Aos 58 anos, Mara Gabrilli leva ao Senado, todos os dias, uma trajetória construída menos por discurso e mais por experiência direta. Psicóloga de formação, ela chegou à política depois de um acidente, em 1994, que a deixou tetraplégica, episódio que redefiniu sua atuação pública e transformou a inclusão em eixo central de sua agenda.

Eleita senadora por São Paulo em 2018, após passagem pela Câmara dos Deputados, pela Secretaria da Pessoa com Deficiência da capital e pela Câmara Municipal, Gabrilli construiu uma carreira voltada à

acessibilidade e aos direitos das pessoas com deficiência. No Congresso, sua atuação se concentra em projetos ligados à mobilidade, reabilitação e inclusão social.

Seu diagnóstico é direto: as cidades brasileiras continuam sendo hostis para quem não se encaixa no padrão de mobilidade considerado "normal". Calçadas irregulares, transporte limitado e ausência de infraestrutura não são exceções, mas regra.

A projeção nacional ganhou outro contorno em 2022, quando foi candidata à vice-presidência na chapa encabeçada por Simone Tebet,

formando uma composição exclusivamente feminina. A candidatura colocou temas como inclusão e direitos humanos no centro do debate eleitoral, ainda que sem alcançar o segundo turno.

Nos últimos anos, Gabrilli também reposicionou sua trajetória partidária. Após deixar o PSDB, ingressou no PSD, ampliando seu campo de articulação política.

Agora, prepara uma mudança de foco. Depois de anos em Brasília, articula disputar uma vaga na Assembleia Legislativa de São Paulo, movimento que indica retorno à política estadual. A leitura é pragmática: é no território que as políticas públicas se tornam concretas.

"Quero trabalhar ainda mais perto das pessoas e transformar a inclusão em realidade no dia a dia", afirma.

Ao longo da carreira, também levou sua atuação para além do país, integrando o Comitê da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. A experiência internacional reforçou uma visão que ela repete com frequência: inclusão não é pauta paralela, mas critério básico de organização social.

No Senado, sua presença não se constrói pela retórica, mas pela insistência. Em um ambiente movido por agendas amplas, Mara Gabrilli segue concentrada em um ponto específico e ainda distante de solução no Brasil; fazer com que as cidades funcionem para todos.



Foto: Cristiano Mariz

senadora



LUÍS
PHYTTTHON

Secos & Molhados

Silêncio, por favor

Querido leitor,

Algo curioso está acontecendo e quem presta atenção já percebeu. O luxo está voltando a falar baixo.

Depois de uma década em que tudo precisava ser fotografado, amplificado, etiquetado e validado em tempo real, as grandes maisons começam a abandonar o excesso com a naturalidade de quem sabe que nunca precisou dele. Não é uma ruptura brusca. É mais elegante do que isso. É um recuo calculado.

O chamado quiet luxury não é uma tendência de trend de Instagram, embora tenha sido reduzido a isso por quem sempre chega depois. Trata-se de outra coisa: uma mudança de postura. Menos necessidade de provar, mais confiança em existir. Menos marca, mais matéria.

As coleções recentes já indicam esse movimento. Sai de cena o logotipo gritante, entra o corte preciso. O impacto imediato cede espaço à construção de um guarda-roupa que não depende de explicação. A peça não quer ser reconhecida por todos, apenas pelos afins.

E isso muda tudo.

Porque o luxo, quando é autêntico, nunca foi democrático na forma como se apresenta. Ele opera por códigos. Sempre operou. O que aconteceu nos últimos anos foi uma espécie de vulgarização desses sinais, transformados em vitrine permanente. Quando tudo se mostra, nada se distingue.

As maisons perceberam e reagiram. Hoje, o gesto mais sofisticado não é aparecer, é escolher quando não aparecer. Jantares menores, roupas que não pedem legenda, acessórios que não se oferecem ao olhar apressado. Há uma inteligência nisso, quase política: preservar o que ainda pode ser desejado.

O novo luxo não quer aplauso. Quer duração. E talvez seja essa a maior mudança de todas. Num mundo que corre para se exibir, quem sabe recuar ganha vantagem. Quem não precisa explicar ganha autoridade. Quem não se expõe, permanece.

**Elegância, no fim, continua sendo
isso: saber o que não dizer.**



And the winner is

María Fernanda Cândido sob os olhares do mundo no "red carpet" do Oscar.



Cleo, beleza arrebatadora em olhar fixado além do mar de Copacabana, chega ao Palácio Gustavo Capanema.



Adolpho Veloso em um fotograma de charme absoluto.



Wagner Moura, de longe o mais celebrado nas redes sociais, durante a premiação.

Antonio Pitanga, homenageado, surge com **Camila Pitanga** no red carpet do Golden Globe no Rio.



De Gucci, **Bruna Marquezine** passeia lindamente entre os holofotes.



Juliana Paes, brasilidade punjante no Golden Globe Tribute Gala, no Copacabana Palace.



No Rio de Janeiro, **Fabrício Correia**, nosso publisher; all black, no tapete vermelho da Festa do Cinema, em comemoração aos 35 anos da Conspiração Filmes.

Fotos: Divulgação

“Uma Batalha Após a Outra” se consagra, e o Brasil não leva a estatueta **OSCAR 2026**

A cerimônia do Oscar 2026, realizada em 15 de março no Dolby Theatre, em Los Angeles, terminou sem prêmios para a delegação brasileira. Apesar da campanha robusta de “O Agente Secreto”, indicado em quatro categorias, e da presença de Adolpho Veloso na disputa por fotografia com “Sonhos de Trem”, o país encerrou a noite sem trazer a estatueta para a casa.

O grande nome da festa foi “Uma Batalha Após a Outra”, de Paul Thomas Anderson, vencedor de melhor filme e de outras cinco categorias, entre elas direção, roteiro adaptado, montagem, ator coadjuvante, Sean Penn, e o novo prêmio de elenco. A consagração selou, enfim, a primeira vitória de Paul Thomas Anderson no Oscar depois de anos de reconhecimento crítico sem coroação máxima.

Do lado brasileiro, a frustração veio em dose dupla. Wagner Moura não confirmou o favoritismo que cercava sua atuação em “O Agente Secreto”, enquanto Adolpho Veloso viu “Pecadores” ficar com o troféu de melhor fotografia. O filme de Ryan Coogler ainda saiu fortalecido com quatro conquistas, incluindo ator, Michael B. Jordan, roteiro original e trilha sonora.



Foto: Divulgação



Foto: Patrick T. Fallon/AFIP

Sem troféu na bagagem, o cinema brasileiro ao menos preserva um dado relevante: esteve no centro da conversa global, com indicações de peso e presença em categorias nobres. Faltou a imagem da vitória, mas não faltou relevância.

Em uma edição dominada por superproduções autorais e disputas acirradas, o Brasil saiu de mãos vazias, porém longe da invisibilidade.



Foto: Divulgação

EXPOSIÇÃO

ABERTO5 ocupa a Casa Bola e leva arte contemporânea às ruas de São Paulo

São Paulo recebe a quinta edição da ABERTO entre 8 de março e 31 de maio de 2026, agora instalada na Casa Bola, criação emblemática de Eduardo Longo aberta ao público pela primeira vez. Depois da estreia internacional em Paris, a mostra retorna à capital paulista ampliando seu alcance ao ocupar também o espaço urbano.

A edição reúne cerca de 60 obras de arte e design de mais de 50 artistas brasileiros e estrangeiros, distribuídas pelos mil metros quadrados da residência e por pontos do entorno. A novidade é a ABERTO Rua, que leva intervenções artísticas à avenida Faria Lima e amplia o diálogo entre arte, arquitetura e cidade.

A curadoria é de Filipe Assis, Claudia Moreira Salles e Kiki Mazzucchelli, com núcleo de arquitetura conduzido por Fernando Serapião. Grande parte das obras foi criada especialmente para a mostra, em sintonia com o espírito experimental da Casa Bola, pensada como escultura habitável.

Em parceria com a ETEL, a exposição apresenta uma cadeira inédi-

ta de Eduardo Longo e dois novos projetos de Claudia Moreira Salles: o relançamento das poltronas Siri, com Luísa Matsushita, e a mesa de apoio ABERTO. Há ainda um núcleo dedicado à trajetória de Longo, com desenhos, maquetes, fotografias e projetos de diferentes períodos.

Construída entre 1974 e 1979, a Casa Bola sintetiza a pesquisa radical de Longo sobre a habitação esférica. Ao abrir suas portas, revela-se como obra-manifesto da arquitetura brasileira.

Entre os participantes estão Adriano Costa, Carlito Carvalhosa, Erika Verzutti, Iole de Freitas, Janaina Tschäpe, Leonor Antunes, Luiz Zerbini, Mauro Restiffe, Sandra Cinto, Tomás Saraceno e Vivian Caccuri, entre outros. Ao reunir arte, design e arquitetura, a ABERTO5 transforma a Casa Bola num polo de invenção estética em plena paisagem paulistana.



álbum

As Várias Pontas de Uma Estrela (Ao Vivo no Coala Festival), de Gal Costa

As Várias Pontas de uma Estrela (Ao Vivo no Coala Festival) sai do registro de um álbum ao vivo para tornar-se fixação de um instante raro. Gravado no Coala de 2022, o disco carrega uma intensidade que vai além do repertório e transforma o show em documento emocional. A homenagem a Milton Nascimento conduz a apresentação, enquanto clássicos de Gal reaparecem com outra espessura. Nada soa como mera lembrança. Tudo tem peso de presença. As participações de Rubel, em “Dois e Dois”, e Tim Bernardes, em “Vapor Barato”, ampliam esse clima sem desviar o centro: Gal. Sua voz já não busca exuberância, mas verdade e é justamente aí que o disco cresce. A mixagem preserva o calor da noite, o corpo do público, a vibração do palco. O resultado não parece uma despedida, mas uma artista em estado pleno de entrega. Gal sempre foi muitas. Aqui, todas convivem ao mesmo tempo. Essencial.

Fotos: Divulgação



livro

cinema



Foto: Divulgação

Velhos Bandidos, de Claudio Torres

Depois da maratona de filmes do Oscar, “Velhos Bandidos” surge como um respiro. Dirigido por Cláudio Torres, o longa não busca grandes profundidades, mas encontra na leveza sua melhor qualidade. A trama acompanha Marta e Rodolfo, aposentados vividos por Fernanda Montenegro e Ary Fontoura, que decidem planejar um grande assalto a banco. Para que o golpe funcione, convocam a dupla mais jovem formada por Nancy e Sid, Bruna Marquezine e Vladimir Brichta. No encaixe do grupo está o investigador Oswaldo, papel de Lázaro Ramos. O filme ganha força justamente por não esconder o que é: uma comédia criminal apoiada no carisma do elenco. Sem ambição de parecer maior do que é, “Velhos Bandidos” entrega o que promete: um cinema agradável, espirituoso e bem servido de atores, perfeito para quem só quer sair da sala com a sensação rara de ter se divertido.

Uma delicada coleção de ausências, de Aline Bei

Depois de “O peso do pássaro morto” e “Pequena coreografia do adeus”, Aline Bei volta a tratar da infância, da maternidade e das marcas que atravessam gerações. Em “Uma delicada coleção de ausências”, acompanha três mulheres; neta, avó e bisavó, ligadas por afetos, silêncios e antigas mágoas. Laura vive com a avó, Margarida, numa casa simples de portão laranja em Belva. Enquanto a menina cresce entre a escola e as descobertas da infância, Margarida sustenta a casa lendo mãos numa feira de antiguidades. A relação entre as duas é profunda e quase suficiente até a chegada de Filipa, mãe de Margarida e bisavó de Laura. A presença da idosa altera a rotina, desloca afetos e expõe feridas antigas. Laura sente a perda da atenção da avó; Margarida se vê consumida pelos cuidados com a mãe e pelo peso das tarefas diárias. Com linguagem poética e aguda, Aline Bei examina o trabalho do cuidado, os corpos, as violências e a resistência feminina. Um romance sobre ausências, mas também sobre a força de seguir.

TH+ sbt

SBT **VALE**
CRESCCE

24 %

EM
AUDIÊNCIA

E CONSAGRA A VICE-LIDERANÇA!

54 %

MAIS AUDIÊNCIA
que a 3ª colocada!



VICE-LIDERANÇA



Foto: Divulgação

Carta fora do baralho: o caso Master e a possível delação de Vorcaro

O que ameaça a sucessão presidencial não é apenas a força de Lula, nem a persistência do bolsonarismo. Pode ser, antes de tudo, uma fadiga do próprio sistema. A possível delação de Daniel Vorcaro entrou em Brasília com esse peso. Não como novidade policial, mas como risco político de larga escala. A troca de advogados, a conversa do novo defensor com o ministro André Mendonça sobre a hipótese de colaboração e a prorrogação do inquérito por mais 60 dias deram ao caso uma espessura que já ultrapassou o noticiário criminal. O assunto, agora, é só poder.

Em casos assim, o relevante não é apenas o que o investigado fez. É com quem falou, a quem serviu, quem o protegeu, quem circulou ao seu redor quando dinheiro e influência andavam de braço dado. A essa altura, o caso Master jamais foi somente a crise de um banco. É a maior vitrine da história contemporânea de uma rede de relações que, alcança o Congresso, tribunais e operadores políticos de diferentes matizes. Esse é o ponto que mais assusta os profissionais da política: delação de banqueiro não costuma respeitar fronteiras partidárias.

Por isso é pueril a tentativa de enquadrar o episódio como munição de um lado contra o outro. O perigo real está justamente no efeito contrário. Se Vorcaro resolver falar, não entregará apenas adversários de ocasião. Pode expor a promiscuidade funcional de um modelo em que antagonistas públicos recorrem, em privado, a mecanismos parecidos de proteção, acesso e conveniência. O estrago eleitoral, nesse caso, não viria de uma bomba dirigida. Viria da suspeita de semelhança. E a pior notícia para os dois polos é esta: o eleitor tolera escândalo; o que ele custa a perdoar é a impressão de que brigavam no palco e se entendiam no porão, ou em orgias, o que ainda torna o jogo mais grave.

É nesse ambiente que outro nome aparece como peça lateral, mas eloquente: Digimais. Não porque esteja, até aqui, formalmente apresentado como centro da delação de Vorcaro, e convém não forçar a nota. Aparece porque o banco de Edir Macedo atravessa sua própria crise, recebeu aporte de R\$ 250 milhões do líder da Universal e foi citado em ação judicial sobre um calote de quase R\$ 500 milhões, na qual, segundo o noticiário, papéis da Fictor, da Reag e do próprio Banco Master teriam sido usados para lastrear participação em fundo. A revista piauí foi além e descreveu o Digimais como o banco do bispo Edir Macedo, ligado ao braço político representado pelo Republicanos. Não é prova de identidade entre os casos. É retrato de contiguidade entre finança, religião organizada e política partidária.

Esse detalhe importa porque eleição presidencial não se decide apenas por programa, carisma ou rejeição. Decide-se também pela ruína do prestígio alheio. Se o escândalo Master continuar a contaminar zonas adjacentes do poder e o noticiário já fala em rede de influência espalhada pelos três Poderes e com maior penetração em partidos da direita e da extrema direita, o bolsonarismo perde o monopólio moral que ainda tenta reivindicar para si. Mas, se o caso avançar sobre relações mantidas com a República oficial, com autoridades do centro do siste-

ma e com figuras recebidas em ambientes de poder, o lulismo também deixa de posar como porto sanitário diante da desordem alheia. O dano, portanto, é simétrico na origem, ainda que desigual na extensão.

É por isso que a eventual delação de Vorcaro pode corroer os dois polos sem necessariamente erguer um terceiro nome de imediato. Antes de criar candidato, ela pode criar clima. E clima, em política, costuma valer mais que plataforma. Quando o eleitor conclui que os adversários se parecem mais do que admitem, abre-se um mercado novo para quem souber encarnar distância, limpeza ou simples cansaço do arranjo. Não é ainda a chamada terceira via, essa entidade que no Brasil quase sempre nasce em seminário e morre em pesquisa. É algo mais rudimentar e talvez mais forte: uma vontade de sair da sala.

No fim das contas, a pergunta decisiva talvez já não seja quem herdará Lula ou quem unificará a direita. A pergunta é outra: quem sobreviverá melhor ao desgaste de um país que começa a suspeitar não só de seus governantes, mas do método pelo qual se fabrica poder no Brasil. Se Vorcaro falar, falará menos sobre um banco do que sobre um hábito nacional. E certos hábitos, quando vêm a público, não derrubam apenas homens. Derrubam enredos.

bastidores

Norononha

o destino mais desejado do Brasil.

Quer viver
as **maiores**
experiências
da sua vida
em **Fernando**
de Noronha?

Acesse:



Atalaia
NORONHA
desde 1992



**O MAIOR ESPETÁCULO
DO FUTEBOL VAI
COMEÇAR.**




**E A JOVEM PAN JUNTA TRADIÇÃO E
PAIXÃO PELO ESPORTE PARA TRAZER
MUITO MAIS QUE UMA COBERTURA,
UM MOVIMENTO NACIONAL**

 Conteúdos especiais na programação

 Cobertura jornalística completa

 Transmissões ao vivo na rádio

 Villa da Copa 2026 (Arena Farma Conde)



A MAIOR COPA DE TODAS SÓ NA MAIOR DO BRASIL



São José dos Campos | 94,3